

1. No Nascimento

A História de Rebeca

GÊNESIS 25.19-28

A finalidade do casamento e da família é nos tornar realistas.

MICHAEL NOVAK

A história de Jacó, assim como a nossa, começa em um ventre duplo: o de uma mãe e o de um Deus Criador amoroso. Como Eva disse há muito tempo, “alcancei do Senhor um varão” (Gn 4.1). Mas Adão também estava envolvido. Nascimentos virginais são raros. A concepção normalmente acontece por meio do abraço amoroso de um homem e uma mulher que contribuem, como co-criadores, com uma conspiração divino-humana.

Dois espermatozoides penetraram dois óvulos para formar Jacó e Esaú. Longe de serem gêmeos idênticos, eles eram muito diferentes, não só geneticamente como também espiritualmente. O grande mistério da história é por que Esaú, o mais atraente, não viria jamais a lutar com anjos ou ouvir Deus falar, e por que o menino mau, Jacó, lutaria com anjos, teria visões durante a noite, herdaria a terra e experimentaria a promessa e a bênção de Deus. Foi a natureza ou o ambiente? Ou ambos? Ou algo mais?

De onde viemos?

A concepção — o princípio de tudo isso — é algo verdadeiramente tremendo. Deveria nos fazer gritar: “Deus!” O DNA tem a habilidade única de se auto-reproduzir preservando, enquanto se divide, uma cópia exata, de uma célula a outra. Durante a reprodução, a escada espiral do DNA se divide de maneira uniforme, como um zíper que se abre, e forma (como o livro de Jó metaforicamente sugere) um corpo embrionário firme, a partir do sêmen leitoso, assim como o leite coalha e se transforma em queijo.¹ O DNA é uma molécula de vida autopropagadora, que determina cor do cabelo, personalidade, forma e tamanho, predisposição a doenças e até mesmo vícios. Uma vez que o óvulo é penetrado pelo espermatozóide, uma mudança miraculosa ocorre na cobertura externa dos núcleos a fim de evitar que outro espermatozóide entre antes que os dois núcleos tenham se fundido — o que é um paradigma do noivado e da monogamia. As células divididas e diferenciadas encravam em um solo de carne fértil, criando raízes como uma semente.²

Raízes e asas são dois presentes que os pais podem dar aos filhos, e sem raízes não pode haver asas — nenhum rompimento, nenhuma partida. Mas a ligação doentia de Jacó com sua mãe e dela com ele (nós a chamaríamos hoje de “enredamento”) e a ligação de Esaú com seu pai são outro grande mistério dessa família em desequilíbrio, que, no entanto, tem uma história repleta da graça de Deus. O enredamento e a doença às vezes surgem onde houve uma ligação insuficiente: a ausência de raiz significa a impossibilidade de asas. Mas há mais que determinação genética nessa história. Há um agir especial de Deus.

Que a concepção aconteça com qualquer pessoa é um milagre — um milagre de algum modo ofuscado pela moderna tecnologia dos dias atuais. O pecado original no jardim do Éden revela nosso desejo de sermos “como deuses” e talvez esteja se

repetindo nestes tempos de novas tecnologias de reprodução e de mapeamento do genoma humano. Que isso tenha acontecido aos idosos e estéreis Isaque e Rebeca foi um milagre dos milagres. O próprio Isaque foi um “filho do riso” (este é o significado do seu nome),³ uma piada ou, melhor dizendo, “alegria reverente” que se deleita no fato de que Deus é Deus e nós não somos. Sua mãe caiu na gargalhada quando o anjo disse àquela velha senhora que ela ficaria grávida.⁴ Assim, não era de surpreender o fato de que Isaque orava toda vez que seu abraço amoroso com Rebeca se mostrava infrutífero. Ele orou por vinte anos – um testemunho expressivo de sua persistência. Mas a oração não pára com uma gravidez bem-sucedida. Todo o processo de gestação é carregado de esperança e de perigo. Foi assim comigo.

Quando eu tinha doze anos, meu pai sentou-se comigo e meu irmão para contar-nos “a história da família”. Eu sempre me perguntava por que meu pai mimava minha mãe – “pisava em ovos”, como diríamos, não a ofendia, provocava ou incomodava. “Quando seu irmão John nasceu, a mamãe passou por uma depressão profunda”. Ela sobreviveu com versículos da Bíblia que decorou quando menina no Exército de Salvação em seu posto avançado de pesca em Newfoundland, então colônia britânica. O médico disse: “Nada de mais filhos; é muito arriscado”. “Mas” – papai disse – “veio outra criança (uma menina), que nasceu morta”. E mamãe desceu novamente ao fundo do poço. “Nada de mais filhos”. “Então” – papai falou, olhando pra mim e piscando um olho – “você chegou”.

Ele poderia ter dito que eu fui um erro, que não fui planejado (uma frase que captura a tendência arrogante e idólatra no coração humano desde o Jardim). Ou poderia ter dito que eu era uma possibilidade assustadora – na verdade era. Mas ele disse: “Você foi uma criança fruto do amor”. E assim eu era. E assim somos todos nós, a comunidade de amor do Pai, do

Filho e do Espírito Santo. Deus fez o mundo em amor e forma os seres humanos em amor.

Desse modo, a concepção de uma criança é uma obra de Deus que deveria evocar adoração em nosso coração. É um ministério — pais darem vida a uma criança “com a ajuda do Senhor”. Mas o presente tem duas vias. Filhos são um presente para os pais. Eles são meios de ajudar os pais a amadurecer. Deus dá filhos aos pais para ajudá-los a crescer. Como Michael Novak observa sabiamente, muitas pessoas hoje evitam ter filhos porque sabem intuitivamente que, quando se tornarem pais, terão de deixar de ser crianças.⁵ Não sabemos o efeito que o nascimento dos gêmeos teve sobre a maturidade de Isaque e de Rebeca, a não ser que, em uma fase de declínio em suas vidas, eles parecem ter encontrado conforto e força espiritual em um dos filhos, e não no Deus vivo. Cada um dedicou-se de maneira doentia e idólatra ao filho favorito. E tudo isso começou na hora da escolha do nome.

O que um nome carrega consigo?

As crianças não saem da barriga da mãe com etiquetas contendo seus nomes. Elas nascem sem nome, assim como os animais. E o primeiro presente dos pais a elas é o nome — um presente permanente, que dura a vida inteira. Na verdade, mesmo quando a pessoa morre, seu nome quase sempre é gravado em um túmulo e evoca memória após memória daquela vida. Isaque e Rebeca devem ter olhado para os pequenos rostos enrugados dos dois meninos e, como era costume na Antigüidade e ainda é nas culturas mais tradicionais, deram-lhes nomes de acordo com sua aparência e as circunstâncias de seu nascimento.

O primeiro saiu vermelho e coberto de pêlos como se estivesse vestindo uma pele de animal. Então o chamaram de Esaú, que significa “cabeludo”. E depois de “Cabeludo” eles acrescentaram o nome de Edom, que significa “vermelho”. “Cabeludo”

sugere uma natureza animal e “Edom-Vermelho”, mundanidade ou paixão.⁶

O segundo a nascer não tinha pêlos e surgiu (como pareceu à parteira) agarrado ao calcanhar de seu irmão, o primogênito, com a mão estendida. Assim, deram-lhe o nome de “aquele que agarra o calcanhar” — Jacó —, com o possível significado figurado de “enganador” e “engano desonesto”, embora o nome possa significar também “Deus Protege”, ou “Deus Protege a Tua Retaguarda (teu calcanhar)”.⁷

Nossos queridos amigos no Quênia, onde moramos por dez anos, deram ao seu primeiro filho o nome de Orçamento. Quando perguntei a Mololo por que ele e a mamãe Kalundi escolheram esse nome, ele disse:

— Porque ele nasceu no dia em que o governo reduziu o orçamento.

Em outra ocasião, estávamos dirigindo em uma estrada poeirenta e encontramos um *matatu* — ônibus normalmente lotado de gente indo para o mercado. O ônibus estava parado à beira da estrada, com todos os homens do lado de fora e as mulheres do lado de dentro. Perguntei aos homens:

- O que está acontecendo?
- Uma criança está nascendo dentro do ônibus.
- Como ela vai se chamar?
- Nascida no Meio do Caminho (na língua da tribo).

Os nomes não apenas descrevem como também prescrevem. Eles podem moldar a vida. Um nome pode indicar um destino, como aconteceu com Martin Luther King Jr., que foi uma figura de destaque, assim como seu homônimo. Pais cristãos às vezes dão nomes a seus filhos profeticamente, esperando que eles encarnem “Fé”, “Esperança” ou “Alegria”. Infelizmente, alguns pais inconseqüentes dão a seus filhos nome de refrigerantes (“Pepsi”) ou de uma celebridade — um fardo a ser carregado.

Fazendo jus a seu nome, Esaú cresceu tentando conquistar a natureza, nos campos, tornando-se um hábil caçador — um animal. Jacó, por sua vez, fazendo jus a seu nome, cresceria tentando conquistar pessoas — um manipulador. Passaria a vida agarrando-se ao calcanhar do irmão a fim de tirar vantagem, de ser o primeiro (e não o segundo), de fazer as coisas a seu modo. Mas os nomes também revelam os pais.

Dando nome aos pais

Nomes quase sempre expressam a humildade ou o orgulho, as esperanças e os temores dos pais. Podem revelar o desejo deles de abençoar. Um nome confere identidade e individualidade a uma família. Como Amy e Leon Kass sugerem com muito discernimento, “dar nome a uma criança antecipa a dificuldade central de toda a educação: como comunicar amor incondicional a uma criança como ela é hoje, ao mesmo tempo em que se tenta com todas as forças encorajá-la e ajudá-la a se tornar alguém melhor”.⁸

Rebeca queria, de maneira muito clara, moldar Jacó a fim de que ele correspondesse ao seu nome. Enquanto carregava os gêmeos na barriga, percebeu que brigavam um com o outro.⁹ Isso a deixou profundamente angustiada, se perguntando sobre o significado do conflito. Então ela consultou ao Senhor — provavelmente por meio de um profeta no altar da família. A profecia lhe informou que havia duas nações em seu ventre, que elas seriam separadas (uma antecipação profética sombria acerca de um conflito ainda mais abrangente) e que um povo gerado a partir de um dos gêmeos seria mais forte. A batalha que começou no útero seria ainda maior. Então — o mais surpreendente de tudo — a ela foi dito que o mais novo, o segundo, seria o líder e seria servido pelo primeiro. Isso significava que o mais velho serviria ou que seria *feito* para servir o mais novo? Assim, Jacó recebeu o nome de “Segundo, mas determinado a vencer”.

Ao dar nomes aos filhos, Rebeca quis cumprir a profecia, fazer com que a bênção de Deus acontecesse, agarrar aquilo que somente poderia ser dado — algo que Jacó disputaria por vinte anos em sua vida adulta. De maneira clara, dos dois pais de Jacó, Rebeca é apresentada pelo narrador como “um redemoinho contínuo de atividade intencional”, enquanto Isaque é apresentado como o “mais passivo dos patriarcas”.¹⁰ (Iremos conhecê-lo melhor em um capítulo mais adiante). Antes do nascimento de Jacó e Esaú, Isaque é descrito esperando em Canaã por um substituto (servo de Abraão) para encontrar-lhe uma esposa em Arã. Isso é um indicativo de toda a sua trajetória. Quando menino, ele foi vítima sobre um altar, amarrado e em atitude de total submissão. Quando jovem, esperou que alguém lhe arrumasse uma noiva. Como pai, ele prefere o filho que irá ao campo e lhe trará comida. Já idoso, é descrito como um homem deitado na cama “fraco e cego, enquanto outros tomam decisões por ele”.¹¹ Nas muitas genealogias (*toledoth*) não há registros mais detalhados de Isaque sob o título “Esta é a história da família de Abraão”.¹²

Rebeca não teve desempenho muito superior, embora tivesse (assim como Isaque) muitas qualidades. Ela foi criada em uma família temente a Deus que havia emigrado de Ur em resposta à palavra de Deus. Seu casamento com Isaque foi arranjado por um servo dedicado que observou nela qualidades como hospitalidade, boas maneiras, graça, beleza, presença de espírito discreta e incontestável virgindade (Gn 24.14, 20-21). O narrador a descreve deliberadamente como um tufão de atividade, enérgica e empreendedora. Ela vai até o poço, apanha água e dá de beber ao servo de Abraão (que estava ali para encontrar uma noiva para Isaque).¹³ Essas mesmas qualidades despontam quando uma rápida cadeia de eventos em torno da bênção de Isaque ocorre — o preparo da comida, o figurino de Jacó e a concepção de uma estratégia, em tal intensidade que Robert Alter diz

que ela é “a mais astuta e poderosa dos patriarcas”.¹⁴ Quando cortejada pelo servo de Abraão, Rebeca concordou quase que de imediato em fazer a longa jornada até Canaã com aquele estranho, em obediência ao que parecia ter sido um chamado divino (v. 57-58).

Cada uma das esposas dos patriarcas teve um chamado equivalente para “partir e seguir”. Com Sara foi o chamado para emigrar da segurança de Arã para um acampamento em Canaã e confiar em Deus para o cumprimento de sua promessa de abençoá-la com um filho, embora fosse estéril. Rebeca, sua nora, havia saído de Arã ao som de um poema festivo:

Que você cresça, nossa irmã,
até ser milhares de milhares;
e que a sua descendência conquiste
as cidades dos seus inimigos.
(Gn 24.60)

Mas ela era estéril. Raquel, na geração seguinte, também teve de confiar em Deus para ter filhos, porque ela também não os podia ter. Por fim, ela e Lia também tiveram de deixar a segurança de Arã para fazer uma peregrinação até Canaã, sem saber o que as aguardava ali. Para Rebeca, foi o chamado para se casar com um homem com o qual nunca havia se encontrado e viver em uma terra distante que nunca havia visitado – tudo isso sob a palavra forte de um estranho e que carregava o hálito de Deus nela!

Rebeca foi uma mulher extraordinária. Seu casamento começou em fé, esperança e amor (Gn 24.67). Mas, assim como seu marido, ela se apequenou com o passar dos anos e no fim se tornou uma esposa ciumenta, “armando” em favor de seu filho preferido para se aproximar do marido já velho por meio de uma estratégia bem elaborada, a fim de que a liderança da família e a herança ligada a ela passassem às mãos de Jacó, e não de Esaú. O capítulo 27 fala muito sobre a qualidade de seu

casamento. Muito longe da submissão mútua, ela parece ter controlado seu marido, o qual, por sua vez, parece ter consentido, e não se submetido por livre e espontânea vontade. A política, e não a graça, governava o lar, e Rebeca estava determinada a ser, como dizem os beduínos hoje, “a poderosa da tenda”. Certa mulher, ao ouvir que o marido é o cabeça da família, disse: “Eu sou o pescoço e posso movimentar a cabeça do jeito que quero”. Rebeca pode muito bem ter dito a mesma coisa.

A poderosa da tenda mantinha seu filho querido por perto, uma vez que ele era um homem sossegado, que habitava em tendas (Gn 25.27). Jacó está preso entre uma mãe de gênio forte e um pai distante. Ou ele se opõe à sua mãe ou engana seu pai. Sob o controle da mãe, ele faz a segunda opção.

Rebeca pagou caro por isso. Perdeu seu filho favorito, que teve de fugir para viver, novamente por meio de uma estratégia astuta de persuadir seu marido complacente de que Jacó precisava de uma esposa que fosse da velha terra natal e não das vizinhas e pagãs cananéias (Gn 27.46–28.5). Sua astúcia a salvou de ver o filho assassinado. Ela não viu Jacó por no mínimo vinte anos e nunca o informou de que a fúria de seu irmão havia passado (27.44), porque talvez nunca tenha se extinguido. Na verdade, ela pode ter morrido nesse ínterim, uma vez que não se fala mais nada a seu respeito. Os irmãos finalmente se reconciliaram quando do enterro do pai (35.29). Sua ama, Débora, é mencionada na narrativa (v. 8), mas Rebeca não.

A psiquiatra judia Naomi Rosenblatt reflete:

O útero onde Jacó e Esaú competem por supremacia se torna o símbolo das fronteiras estreitas e apertadas de qualquer relacionamento entre gêmeos. Qualquer um que tenha visto uma ultra-sonografia pré-natal de gêmeos pode apreciar o quanto Jacó e Esaú competiam psicologicamente pelo alimento no útero da mãe. Nunca parece haver espaço, alimento e atenção suficientes.

Rosenblat argumenta que a verdade dos gêmeos rivais que Esaú e Jacó representam é que eles não “lutam tanto entre si quanto pela atenção de seus pais”.¹⁵

“Segundo e não satisfeito em ser segundo” era o nome de Jacó — “determinado a superar meu irmão e obter a bênção que vem do chefe da família”, “agarrando-se à vantagem e fazendo com que o bom propósito de Deus aconteça”. Mas por trás disso estava o desejo de conquistar a bênção e a presença de seu pai — coisas que Esaú tinha em abundância e que eram fonte de inveja. Jacó faria jus ao seu nome até que, muito tempo depois, ferido por Deus e machucado por si mesmo, encontraria descanso em simplesmente ser um filho de Deus. Deus queria abençoar Jacó, mas não podia fazê-lo até que Jacó estivesse preparado para ser real, e essa disciplina desesperada na terapia da realidade levaria o patriarca a dois casamentos, treze filhos e três países diferentes. Deus queria dar a Jacó aquilo que Jacó, o usurpador, queria obter por meio de suas artimanhas manipuladoras e controladoras. A próxima cena nos mostra quão desesperadamente Jacó queria a bênção, e toda a ação ocorre em meio à grandeza que se encerra nas tarefas rotineiras e simples da vida.